

Histórias vividas e narradas: os amapaenses no *Jornal Amapá*

Manoel Azevedo de Souza

Universidade Federal do Amapá, Brasil
mazevedo@unifap.br

César Barreira

Universidade Federal do Ceará, Brasil
cbarreira08@gmail.com

Introdução

A reflexão que ora propomos consiste em observar, a partir do periódico *Jornal Amapá* (1945-1968), os processos de construção das identidades amapaenses¹. Nesse caso, a identidade é vista, conforme Castells (2006, p. 22-23), como “a fonte de significado e experiência de um povo”, e reforça ainda, que “toda e qualquer identidade é construída”.

1. Artigo elaborado a partir da Tese de Doutorado *Imagens, memórias e discursos: a construção das identidades amapaenses no Jornal Amapá – 1945 a 1968* (SOUZA, 2016), defendida na UFC (Universidade Federal do Ceará), sob a orientação do Prof. Dr. César Barreira.

Nessa direção, o jornal é um campo privilegiado de estudos de uma comunidade, em torno dos costumes, dos espaços de sociabilização, das identidades advindas principalmente com o desenvolvimento urbano. É também um manancial dos mais férteis para o conhecimento do passado, pois possibilita ao pesquisador acompanhar e recuperar a trajetória dos homens ao longo dos tempos, ou seja: “os jornais oferecem vasto material para o estudo da vida cotidiana. Os costumes e práticas sociais, o folclore, enfim, todos os aspectos do dia-a-dia estão registrados em suas páginas” (CAPELATO, 1988, p. 34).

Desse modo, a memória tem significativa importância no processo de construção identitária dos grupos sociais, pois leva os referidos grupos a buscar, através dos discursos que os legitimem, a ideia de pertencimento, fazer-se conhecer e reconhecer ao longo de seu percurso histórico.

Fundado em 19 de março de 1945, o *Jornal Amapá* foi, durante o período de 1945 a 1968², a principal mídia impressa do Amapá de ampla circulação. Apesar de ser também um informativo do recém-criado Território Federal do Amapá³, e que de alguma forma refletia a orientação sociopolítica do governo, o referido jornal pode ser caracterizado também como um periódico de temática livre, com assuntos diversificados, apresentando conteúdos informativos, notícias, opiniões e análises, anúncios e propagandas, que estabeleciam um elo a comunidade amapaense.

Desde o primeiro número e na primeira página o jornal já anunciava ser um mecanismo não apenas de difusão dos programas do

2. O recorte temporal (1945-1968), refere-se ao primeiro período de circulação do *Jornal Amapá*, quando o então o recém-criado Território Federal do Amapá ganha certa autonomia política e administrativa, após sua separação do estado do Pará, e passa por um acelerado processo de desenvolvimento urbano.

3. Em 1943, o Amapá inicia sua “autonomia” administrativa e política ao ser desmembrado do estado do Pará e transformado em território federal.

primeiro governo do recém-criado Território Federal do Amapá, mas também um espaço de divulgação e afirmação das identidades amapaenses: "Este número do 'AMAPÁ' é o marco zero de uma longa marcha que encetamos em prol da divulgação e da expansão do porfioso combate que se trava pela completa integração do brasileiro em seus legítimos domínios (*JORNAL AMAPÁ*, 19 de março de 1945).

Nessa perspectiva, o referido jornal é aqui entendido como um "produto social", ou seja, como uma fonte histórica capaz de refletir, através das notícias veiculadas, representações das identidades amapaenses.

Quanto à organização do presente artigo, apresentamos através do *Jornal Amapá* alguns tópicos relacionados a diversas temáticas que refletiam o cotidiano da cidade de Macapá, nos primeiros anos de sua "autonomia" como a capital do Território Federal do Amapá. Concomitantemente são analisados os aspectos que possibilitam perceber, nessas temáticas, como a presença do negro nas manifestações culturais populares, importantes características que contribuíram para a construção das identidades amapaenses.

2 Representações do cotidiano de Macapá: memórias e identidades

2.1 Religiosidade: a festa de São José de Macapá

O padroeiro do cristão é escolhido de uma lista oficial dos santos reconhecidos pela Igreja católica, e assim também, regras canônicas que prescrevem o modo de cada fiel cumprir esse culto particular (DURKHEIM, 1989, p. 78).

A festa religiosa em homenagem a São José de Macapá ocorre uma

semana antes do dia 19 de março (dia de São José) e é promovida pela Igreja Católica com a adesão de diversas instituições oficiais e não oficiais. Na época, era uma das atividades que mais reunia pessoas no então Território Federal do Amapá. Pessoas de todos os níveis sociais se misturavam nesses momentos de devoção religiosa. Esse evento, por ocorrer todos os anos e pela sua dimensão, representava a tradição religiosa do Amapá de maior visibilidade, bem como a mais conhecida no cenário local e regional.

Festa de São José de Macapá, Padroeiro de Macapá

Tiveram início, dia 10 do mês em curso, sábado, nesta capital, os tradicionais festejos em homenagem ao padroeiro da cidade, o milagroso São José de Macapá, a quem a nossa população, todos os anos devota o culto de sua fé inabalável.

Este ano, como nos anos anteriores, estão decorrendo com grande animação, tanto os festejos profanos como os religiosos, tudo indicando que jamais fenecerá a religião católica, que alimenta a alma da maioria dos habitantes deste pedaço da Amazônia Brasileira. (*JORNAL AMAPÁ*, 15 de março de 1956)

Um dos pontos altos da festividade é a procissão em que, atendendo a uma tradição, a população realiza um trajeto, um percurso em caminhada por algumas ruas da cidade:

Hoje à tarde a procissão de São José: Emocionante o culto ao padroeiro de Macapá – A crença do nosso povo na Providência Divina

Como encerramento aos dias de consagrados a São José, será realizada à tarde grande procissão, momento em que a população católica de Macapá terá oportunidade de demonstrar a sua crença na Providência Divina, única força capaz de evitar as quedas da nossa alma. A procissão sem dúvida alguma, constituirá um emocionante espetáculo de fé cristã. (*JORNAL AMAPÁ*, 19 de março de 1955)

A procissão de São José de Macapá pode ser entendida como uma

caminhada de uma comunidade movida por um ato religioso comemorativo ou de reconhecimento de uma alteridade mítica a ocupar espaços vazios de suas individualidades. Nessa perspectiva, Durkheim (1989) comenta que:

As crenças propriamente religiosas são sempre comuns a determinada coletividade que faz profissão de aderir e de praticar os ritos ligados a elas. Elas não são apenas admitidas a título individual, por todos os membros dessa coletividade; são coisas do grupo e constituem a sua unidade. Os indivíduos que a compõem se sentem ligados uns aos outros pelo simples fato de terem uma fé comum. Uma sociedade cujos membros estão unidos pelo fato de conceber, da mesma maneira, o mundo sagrado e suas relações com o mundo profano. (DURKHEIM, 1989, p. 75)

A procissão revela-se pelo ritmo do sagrado, que pode responder por uma necessidade individual e/ou coletiva. Assim, durante os festejos a comunidade faz referência aos milagres a ele (o Santo) vinculados, a sua capacidade de intervir na história mudando seu rumo, alterando destinos, relativos desde a saúde (principalmente) e a moradia, até os aspectos da vida ligados às dificuldades decorrentes das condições socioeconômicas – são as graças alcançadas ou a serem alcançadas pelos fiéis: “É o Santo que nos ajuda a vencer, com a fé inabalável, os tropeços naturais da vida diária, não perecendo, deste modo, a crença que depositamos em Deus”. (*JORNAL AMAPÁ*, 13 de março de 1955).

As festividades de São José também eram um espaço privilegiado para as pessoas da comunidade manterem relações sociais, inclusive com as maiores autoridades do poder público (governador, prefeito, juiz de direito etc.) visto que, em seu cotidiano, isso era difícil de acontecer. Essa ocasião possibilitava que a comunidade interagisse com essas autoridades dentro de um ambiente comum que era deno-

minado como “Os noitários da Barraca de São José”, o qual durante uma semana se transformava em um espaço de diversão e socialização (a festa era no espaço da igreja). No local também havia uma concentração de atividade econômica, pois ocorriam ali as compras e vendas de diversas iguarias e bebidas, leilões, sorteios, sendo que o valor arrecadado normalmente era destinado para as obras da igreja católica, ou seja, o profano é dominado pelo sagrado, isto é, a manifestação da fé passa pelo controle institucional que a legítima.

Assim, esses detalhes apresentados nas descrições da referida festividade reforçam, conforme Delgado (2010), que a memória enquanto suporte da identidade, não é preservação, mas reorganização, reconstrução de lembranças.

2.2 Quebras de condutas (ocorrências policiais)

Os anos se escoam rápido e os padrões de conduta que herdamos de nossos pais não podem mais prevalecer em face as transformações econômicas do mundo de hoje (*Jornal Amapá*, editorial, 07 de fevereiro de 1953).

Em quase todas as edições do *Jornal Amapá* encontram-se referências sobre o movimento das quebras de condutas na cidade de Macapá. São relatadas então, de forma sintética, principalmente entradas de detentos, esclarecendo-se também os motivos sumários que levaram à captura. Nessa seção, as pessoas de baixa renda aparecem com grande regularidade, sendo que os comentários sucintos sobre as diversas formas de aprisionamento compõem um quadro que, de certa forma, movimentava o cotidiano de uma cidade em desenvolvimento, bem como “alimentava” de informações policiais, as rodas de conversas e as “fofocas”.

Nos primeiros anos de criação do Território Federal do Amapá

o número de quebras de condutas que pudemos observar no *Jornal Amapá*, indicam que o aprisionamento por “embriaguez e desordem” era uma prática bem corriqueira, sendo que as pessoas eram costumeiramente identificadas pelo nome (às vezes pelo apelido), naturalidade, estado civil, idade, profissão e em alguns casos, pelo local de moradia:

EMBRIAGUEZ E DESORDEM

Foram enxadrezados, por embriaguez e desordem: Orlando Estevão Pereira, maranhense, solteiro, de 24 anos, operário; Waldemar Ferreira da Silva, amazonense, solteiro, de 32 anos, pedreiro, residente no Barracão dos Operários; João Miranda Sidrim, paraense, de 26 anos, solteiro, trabalhador do Fomento Agrícola; Aristides José dos Santos, vulgo “Baiano”, de 42 anos, carpina; Manuel Porpino de Sena, paraense, solteiro, de 25 anos, motorista; Manuel Viana de Souza, amazonense de 35 anos, carpinteiro; Felipe Marques Pereira, amapaense, casado, pescador, residente no Igarapé Grande; por desordem, Cesar Soares, cearense, solteiro, de 32 anos, trabalhador no Hospital em Construção (*JORNAL AMAPÁ*, 9 de fevereiro de 1946, grifos nossos).

É interessante também destacar que, em outros momentos, a cor da pessoa era relatada logo após a sua naturalidade como se a intenção fosse demarcar pela raça a sua condição social:

EMBRIAGUEZ E DESORDEM

Passaram a figurar nessa galeria, os “inocentes”: Raimundo Ramos Filho, paraense, preto, braçal, com 26 anos; Raimundo Lino Picanço, paraense, preto, braçal; Sérgio dos Santos Araújo, vulgo “baiano”, pardo, braçal, com 38 anos; [...] (*JORNAL AMAPÁ*, 9 de fevereiro de 1946, grifos nossos).

Ou adjetivando o sujeito, para designá-lo pejorativamente pela sua naturalidade:

CRIA JUIZO PEDRO

É rio-grandense do norte, é papa-jerimum o Pedro Norberto da Silva. Tem apenas 26 anos, é estivador, residente no bairro do Trem e gosta um bocado do parati. Outro dia o “Chico” subiu-lhe pra cabeça e o potiguar entendeu – eram 11 horas da noite, vejam só! – de invadir a casa de Candida Valente das Neves. Mas saiu-se mal, porque a porque a Candida é valente e o Pedro “comeu” 6 horas de xadrez. (*JORNAL AMAPÁ*, 14 de fevereiro de 1948, grifos nossos).

Outro aspecto relevante encontrado nas quebras de condutas refere-se aos relatos de outros motivos de prisão. Além de por “embriaguez e vagabundagem”, são recorrentes outras qualificações:

OFENSA MORAL

Manoel Barros, paraense, pedreiro, aqui residente, esteve preso porque, em trajes de Adão, bastante embriagado, flanava na praia da Fortaleza, sem respeito às famílias que ali se encontravam (*JORNAL AMAPÁ*, 26 de maio de 1945).

PERTURBAÇÃO DE SOSSEGO

Ana Pereira da Conceição, Merian Pereira da Conceição e Maria Júlia, apesar de avisadas pela polícia, persistiram em perturbar o sossego e a moral pública, do que resultou serem hospedadas no xadrez, para ver que conselho da polícia deve ser aceito (*JORNAL AMAPÁ*, 26 de maio de 1945).

INFRIGIU O TABELAMENTO

Por ter vendido carne de suíno a 6 cruzeiro o quilograma, foi preso Raimundo Cruz, paraense, de 35 anos, pedreiro residente nesta cidade (*JORNAL AMAPÁ*, 6 de outubro de 1945).

PEQUENOS FURTOS

O menor A.E. foi acusado de haver furtado um par de sapatos de Raimundo José Rodrigues, confessou o furto e devolveu o sapato (*JORNAL AMAPÁ*, 12 de maio de 1945).

IDÍLIO INTERROMPIDO

Ele chama-se Raimundo Lino Picanço, amapaense, 21 anos, casado, carroceiro; ela América Ferreira dos Santos conhecida pelo “sobriquet” de Maria Vadoca, paraense, solteira, 29 anos, residente no Iga-

rapé da Fortaleza. é da Fortaleza. Raimundo e Vadoca esqueceram-se, no calor do idílio, que estavam na praça Barão do Rio Branco excederam-se. Pôr isso foram detidos até às 6 horas, quando a autoridade lhes deu liberdade... e conselhos (JORNAL AMAPÁ, 10 de janeiro de 1948).

O primeiro homicídio de grande repercussão na cidade de Macapá vem quebrar a rotina das notícias sobre quebra de conduta, inclusive já trazendo indícios para uma “nova” forma de linguagem policial e de apresentação das referidas notícias.

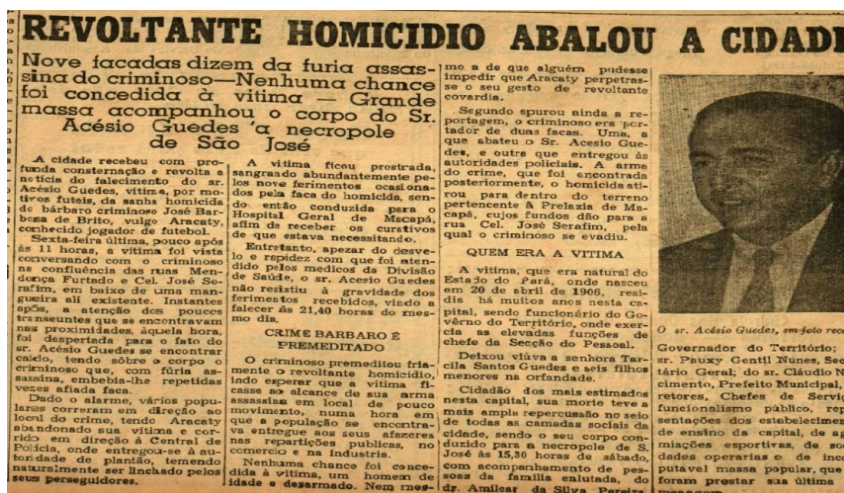


Figura 1: Primeiro crime que abalou a cidade

Fonte: *Jornal Amapá*, 30 de setembro de 1956.

Portanto, essa rotina das quebras de conduta presente no *Jornal Amapá* é relevante, já que parecia cumprir uma função determinada, pois enquanto outras seções de notícias pareciam destacar um espaço privilegiado (política, social, cultural) para as notícias apresentadas, a quebra de conduta aparentava manter uma maior relação com o cotidiano mais imediato da cidade de Macapá.

2.3 Carnaval: a expressão do humor popular

Estamos em pleno reinado de Momo. Uma vibração incomum se apodera de todos os que pressentem as alegrias da vida (*Jornal Amapá*, editorial, 02 de fevereiro de 1946).

O espírito festivo do macapaense sempre se manifestou ao longo de sua história e no período do carnaval se acentuava ainda mais, pois a participação popular era mais efervescente. E o *Jornal Amapá* cuidava de destacar, em sua “seção carnavalesca”, criada especificamente nesse período, os locais, dias e horários dos desfiles de blocos e ranchos, as “batalhas de confetes”, os bailes de salões nos clubes e os concursos de fantasias. O carnaval é divulgado como uma das festividades mais aguardadas pela população amapaense: “Momo empolga a cidade, desde que se estabeleceu o reinado de folganças e diabruras ao que se convencionou denominar – Carnaval” (*JORNAL AMAPÁ*, 9 de fevereiro de 1946).

A história do carnaval amapaense começa em 1946 (nos primeiros anos de criação do Território Federal do Amapá). Nessa época, Macapá estava em franco desenvolvimento com a construção dos primeiros prédios públicos, para tanto fez-se necessário trazer mão de obra mais qualificada para o desenvolvimento dessas construções.

Dentre os que aportaram no Amapá, nessa época, o maior número de trabalhadores (principalmente pedreiros, ferreiros e carpinteiros) foi do estado do Pará, particularmente de Belém, onde o carnaval já estava consolidado. Desse modo, com esses trabalhadores chegavam também os primeiros carnavalescos (Mestre Bené, José Vagalume dos Santos, Mestre Hollywood, Picolé, Mestre Fabiano e Manoel de Souza⁴) que deram o tom aos carnavais de rua e ajudaram a fundar os

4. Operários da construção civil vindos principalmente de Belém-PA e fundado-

primeiros blocos carnavalescos populares intitulados “Os Bandoleiros da orgia”⁵ e “Os tricolores da folia” que mais tarde se transformariam nas duas mais tradicionais escolas de samba de Macapá: “Boêmios do Laguiño” e “Maracatu da Favela”.

Seção Carnavalesca

A mocidade que labuta nas construções e demais serviços operários, não se poderia retraindo, compartilhando, pois, dos folguedos com os seus instrumentos típicos, em garboso e formidável desfile, conclamando os molemolentes a virem para as ruas nos momentos consagrados à Folia. [...] O rancho nº 1 da cidade está em plena forma e percorrerá hoje as nossas vias públicas, com seus belos uniformes em meio ao roncar de suas cuícas e soar dos tamborins “bamboleando” no delírio do frevo (*JORNAL AMAPÁ*, 9 de fevereiro de 1946).

Conforme o jornalista Aníbal Sérgio (2011), ao final da década de 1940, as agremiações cresceram e passaram a se organizar melhor, apresentando passistas, porta-estandarte e bateria, quesitos obrigatórios para os “ranchos” se apresentarem em público. A questão é que não havia um local adequado para a realização das apresentações. Foi quando surgiram os comerciantes que passaram a organizar os eventos carnavalescos nos bairros da cidade, aos sábados e principalmente aos domingos.

A concentração de pessoas durante esse período gerava consumo e lucros garantidos aos proprietários dos estabelecimentos comerciais que promoviam o carnaval. Também foi criada a “batalha de confete” (nome em homenagem à época carnavalesca) que era realizada na frente da cidade e do prédio do Macapá Hotel, principal ponto de encontro da sociedade local na época.

res do carnaval amapaense.

5. “Rancho” carnavalesco composto por operários que trabalhavam na construção do Hospital Geral de Macapá.



Figura 2: "Os Bandoleiros da Orgia" – primeiro bloco carnavalesco popular de Macapá

Fonte: Porta retrato – Ap.

O maior carnaval de Macapá

O Carnaval dominou totalmente a cidade, especialmente nestes últimos dias do reinado de Momo, quando o mais pacato cidadão deixou de lado as suas conveniências e veio dar, nas ruas ou nos salões de festas, a sua parcela de alegria à quadra momêsca. Blocos e ranchos e foliões de última hora deram um colorido diferente ao Carnaval de rua macapaense (*JORNAL AMAPÁ*, 13 de fevereiro de 1964).

Nesse sentido, observa Da Matta (1997) que:

A "rua", tomada em seu sentido mais genérico e categórico, e em oposição à "casa" (que representa o mundo privado e pessoal), é o local próprio do ritual. Assim, universo espacial próprio do carnaval são as praças, as avenidas e, sobretudo, o "centro da cidade" que, no período ritual, deixa de ser o local desumano das decisões impessoais para se tornar o ponto de encontro da população, do mesmo modo

que os salões são o espaço igualador de várias posições sociais (DA MATTA, 1997, p. 56).

Portanto, o carnaval macapaense era uma atividade popular de que todos podiam participar, inclusive com rompimento das normas sociais da época e, de acordo com a interpretação de Da Matta (1997), até mesmo a discriminação deveria desaparecer durante o período de carnaval. Para o referido autor, o carnaval contém uma essência “igualitária”, onde as relações de espontaneidade e afetividade vividas em “casa” extrapolam para a “rua”, o espaço da rua se transforma temporariamente no espaço de casa, como algo excepcional.

Bakhtin (1993) também reitera esse caráter extraordinário do carnaval, observando sobre a liberdade vivenciada na época dos festejos:

Os espectadores não assistem ao carnaval, eles o vivem, uma vez que o carnaval pela sua natureza existe para todo o povo. Enquanto dura o carnaval, não se conhece outra vida senão a do carnaval. Impossível escapar a ela, pois o carnaval não tem nenhuma fronteira espacial. Durante a realização da festa, só se pode viver de acordo com as suas leis, isto é, as leis da liberdade. O carnaval possui um caráter universal, é um estado peculiar do mundo: o seu renascimento e sua renovação, dos quais participa cada indivíduo. (BAKHTIN, 1993, p. 6).

Dessa maneira, o carnaval de rua macapaense com os seus blocos, ranchos, cordões, festas nos salões de clubes, com a efetiva participação popular constituem espaços democráticos onde as ideias de conagraçamento, de comunhão e de homogeneidade fazem mais sentido.

2.4 Literatura e memória: impressões da cidade pela expressão dos poetas

A fundação da Academia Amapaense de Letras dará ao Amapá, valor cultural e avanço definitivo na caminhada de valorização do ho-

mem amazônida (*Jornal Amapá*, editorial, 02, de julho de 1953).

O *Jornal Amapá* passa a veicular, a partir das edições do ano 1950, uma seção cultural onde divulgava as produções literárias amapaenses por iniciativa dos recém-chegados escritores, que vieram prestar serviços como servidores públicos no Território Federal do Amapá. No referido período, é uma das seções mais regulares do jornal e considerada vanguarda na divulgação das primeiras expressões literárias amapaenses, visto que, na época, era o principal e mais eficiente meio de divulgação da produção desses escritores. A seção normalmente se localizava na terceira página do jornal e era bastante apreciada, principalmente entre as pessoas com letramento.

As características do Amapá, o ufanismo, a memória e o cotidiano da cidade de Macapá são temas recorrentes nos textos literários publicados no *Jornal Amapá*. Confira-se, a seguir, alguns desses textos:

Macapá (Alexandre Vaz Tavares⁶)

Na esquerda margem selvosa / Do rio-mar, o Amazonas, / Pensativa e descuidosa / Como essas gastas madonas / Das noites de bacanal / Descansa da atividade / Dos anos. Da nova cidade / A minha cidade natal. / [...]. // Então que alegre não era / Ver-se o ledro rodopio / Em manhãs de primavera / Ou nas tardinhas do estio / De um povo em festa a folgar: / Moças com laços de cores / Raparigas com mil flores / Rapazes buscando amores... / Tudo era rir e brincar! / [...]. // Mas, hoje ei-la: descansa / Rememorando a pujança / Do fastígio, que a mudança / Dos tempos lhe arrebatou... // [...]. (*JORNAL AMAPÁ*, 20 de março de 1948).

O trecho transcrito nos mostra como principal temática a descrição

6. Amapaense nascido em 1858, formado em Medicina pela Faculdade do Rio de Janeiro. Juntamente com as atividades profissionais desenvolvidas em Macapá e Belém, também percorreu os caminhos das “letras” sendo considerado o precursor da Literatura Amapaense. No seu poema “Macapá” registra a cidade iniciando uma fase de crescimento.

das lembranças da cidade de Macapá e revela um cenário que confronta o passado com uma inércia ao desenvolvimento e o presente, uma cidade que crescia dia a dia, era o “progresso” chegando. As lembranças do autor percorrem cenários com fortes relações afetivas, “a minha cidade natal”.

Nas reedificações de suas lembranças, ao recordar o passado, são as saudades que afloram do presente. Da Matta (1992), ao se referir a essa temática, afirma que:

Sendo, pois, a saudade categoria social, começamos a perceber que ela é a expressão de uma concepção específica de tempo. Entretanto, mais do que ser uma forma de estabelecer sulcos externos ou descontínuos que nos envolvem, como fazem os ponteiros de um relógio ou as folhas de um calendário, a saudade fala do tempo por dentro. Da temporalidade como experiência vivida e reversível que cristaliza uma dada qualidade. Assim, pela saudade, podemos invocar e dialogar com pedaços do tempo, fazendo trazer os tempos especiais e desejados de volta (DA MATTA, 1992, p. 4-5).

Dessa forma, fazer uma reflexão sobre a saudade, significa adentrar no campo da memória, porque esta é que fala do tempo interior e da temporalidade como vivido e mutável, visto que:

A especificidade do tempo da memória é a sua reversibilidade, que permite pinçar fragmentos do vivido. Então o que diferenciaria a memória da saudade seria que esta última traria somente os tempos desejados. Percebe-se assim, a existência de imbricação entre saudade e memória que fazem emergir a saudade (BERNARDO, 1998, p. 107).

É a saudade que o autor sente ao lembrar o passado. Assim, ao reconstituir a Macapá do passado com olhar no presente, percebe-a como uma cidade em desenvolvimento.

Ainda a esse respeito, Aracy Mont’Alverne⁷ escreveu o poema:

7. Professora e escritora nascida em 1913, na cidade de Colares, Belém do Pará.

Macapá Cinderela (Aracy Mont'Alverne)

Macapá já foi outrora / Uma menina do mato... / Tão pequenina e franzina, / Doentia, retraída, / E que vivia esquecida... / [...] // Hoje a menina está moça, / E ainda está crescendo, / Já é por todos notada / Está se desenvolvendo, / E quando ouve dizer / Com admiração, / Que é São Paulo ou Brasília, / Do Brasil o coração / Ela toda ufana diz: / “Eu também sou importante, / Sou a cabeça do País” / [...] // Cresceu muito, ficou forte, / É a Cinderela do Norte! / Tem saúde, tem escolas / Para se aperfeiçoar. / Tem ouro e joias bonitas... / Até não usa mais chita! // Vem gente lá de outras terras, / Aos grupos lhe visitar / É gentil, não é orgulhosa, / A todos sabe tratar. / [...] (JORNAL AMAPÁ, 20 de setembro de 1956).

Pelas memórias da autora, vê-se Macapá como uma “menina” interiorana que, com o passar do tempo, está se desenvolvendo. As imagens de novas ruas, casas em alvenaria, praças, escolas, hospital e o crescimento populacional significam a chegada da modernização, inevitável característica da urbanização de uma cidade.

Observa-se que as mudanças no perfil da cidade não são tomadas como perda, pelo contrário, as transformações ocorridas são apresentadas com forte afetividade pela autora: “Cresceu muito, ficou forte/ É a Cinderela do Norte!”.

Nesse sentido, Halbwachs (2009, p. 91) ressalta que a lembrança é, em larga medida, “uma reconstrução do passado com a ajuda de dados tomados de empréstimo ao presente e preparados para outras reconstruções feitas em épocas anteriores e de onde a imagem de outrora já saiu bastante alterada”.

Outra lembrança vai na mesma direção:

Chegou ao Amapá em 1942 e exerceu suas atividades principalmente na educação, sendo a primeira mulher a exercer o cargo de secretaria de educação do Território Federal do Amapá. Como poeta deixou várias obras literárias, inclusive algumas ainda não publicadas.



Figura 3: Contraste entre construções de Macapá no centro da cidade (1945)

Fonte: Acervo Histórico do Amapá. A figura apresenta um contraste entre as construções da Macapá antiga e moderna – do lado esquerdo nota-se uma residência simples e, do lado direito, residências modernas. Observa-se também que a rua começa a receber pavimentação.

O “Bandeirante” Janary Nunes (Isnard Lima⁸)

Faz anos, em 42, quando o “Senhor Destino” me atirou às terras do Amapá não esperava eu retornar neste hoje para revê-las cobertas de flores, tendo a engrinaldá-las esta Meca onde não estrugem lamentações, mas os mandamentos do trabalho.

Macapá, vi-a em pequenina... Novo Presépio a crescer na amplitude deste Amazonas que aprendi a amar e percorrer seu imenso estuário, ao fascinar-me à luz violeta de seus lagos, no rugir da pororoca à magia dos silfos e boiunas... [...]. No extremo do Brasil meus olhos não encontram aproveitamento de riqueza talqualmente o que vejo aqui, neste começo do abraço fraterno em que o Rio-Mar se irmana ao oceano tenebroso! Palmo a palmo perlustrei o território nacional e, mais incansavelmente, talvez, esta maior partícula da Pátria. Entre-

8. Isnard Brandão de Lima nasceu em Manaus e veio definitivamente para o Amapá, em 1949, acompanhando sua família. Poeta, advogado e boêmio, dedicou a maior parte de sua vida à Literatura.

tanto, ali ou acolá, nunca jamais presenciei tão rápido subir duma comunidade do que em Macapá. [...]. (*JORNAL AMAPÁ*, 05 de abril de 1952, grifo nosso).

A crônica apresenta, através das memórias do autor, o espaço amapaense em suas peculiaridades naturais abundantes e as formas exóticas que compõem essa natureza em todo o seu esplendor, desde o silêncio das matas, o “rugir” da pororoca⁹, até a magia da boiuna¹⁰, fazendo com que o encanto dessa natureza desperte um certo orgulho pela região. Esse sentimento ufanista transmite a percepção de duas realidades: uma tradicional, expressa num conjunto de valores culturais coletivos relativos ao meio ambiente (Rio Amazonas; pororoca; boiunas), os quais, mesmo diante das mudanças do mundo moderno, a comunidade procura resguardar esses valores adquiridos ao longo do tempo, visto que:

Nas culturas tradicionais, o passado é honrado e os símbolos valorizados porque contêm e perpetuam a experiência de gerações. A tradição é um modo de integrar a monitoração da ação com a organização tempo-espacial da comunidade. Ela é uma maneira de lidar com o tempo e o espaço, que insere qualquer atividade ou experiência particular dentro da continuidade do passado, presente e futuro, sendo estes por sua vez estruturados por práticas sociais recorrentes (GIDDENS, 1991, p. 38).

A outra realidade apresentada é a visão do autor como um *flâneur* diante de uma cidade cuja transformação paisagística foi tão rápida, e passam pelos olhos novas imagens que se tornarão suportes para

9. Fenômeno natural que acontece quando as águas de maré crescente tentam invadir o estuário do rio, no momento em que a maré fluvial se opõe com grande intensidade.

10. Boiuna ou cobra grande é um mito amazônico de origem indígena, descrita como uma grande cobra escura capaz de virar as embarcações. Também pode imitar as formas das embarcações iluminadas, atraindo naufragos para o fundo do rio, ou assumir a forma de uma mulher.

novas memórias, (memória em movimento): “Entretanto, ali ou acolá, nunca jamais presenciei tão rápido subir duma comunidade do que em Macapá [...]”. E, nesse processo, é a dimensão do espaço/lugar que torna possível a consolidação e a estabilidade da memória, pois as imagens construídas no processo de memorização estão vinculadas ao espaço. A memória do autor, portanto, conforme Delgado (2010, p. 62) “traduz registros de espaços, tempos, experiências, imagens e representações” da cidade que ele vê e que por ela é visto.

Assim também o poeta Artur Nery Marinho¹¹ busca poetizar a cidade, através da praça da Matriz¹², também como um *flâneur*, na tentativa de retomar o passado pela crítica à modernidade, que obstrui a antiga paisagem macapaense, também criticando aqueles que anseiam tanto por uma cidade moderna sem preocupar-se com os valores já existentes na paisagem construída:

Praça Antiga

Velha praça, velha praça,/ Tenho saudade de ti./ Não da bonita que está/ Mas da que eu conheci:// A praça do Tio Joãozinho/ E do seu Naftali./ O primeiro era Picanço/ E o segundo Bemergui.// A praça do João Artur,/ Também a praça do Abraão/ A praça que foi outrora/ Da cidade o coração.// A praça que se jogava/ Todo dia o futebol,/ Esporte que só findava/ quando já dormia o sol.// Parece que isto foi ontem,/ Mas tanto tempo passou./ O que deixou de existir,/ Minha saudade gravou.// Vejo a barraca da Santa,/ Vejo ali o ABC./ há muito já não existem,/ Mas a minha saudade os vê.// Da igreja o velho coreto/ Eu avisto, neste ensejo./ Do Mestre Oscar vejo a Banda./ E lá na banda eu me vejo.// Eu considero um castigo! Não apagar da lembrança! O que me foi alegria/ E agora é desesperança. // Velha praça, velha praça, / Renovastes e linda estás. / Não tens, porém,

11. Artur Nery Marinho nasceu em Chaves (PA). Um dos principais poeta da vanguarda literária amapaense e um dos fundadores da Sociedade Artística de Macapá (SAM, 1951). Apresentou grande parte de sua obra literária através do *Jornal Amapá*.

12. Praça mais antiga de Macapá.

a poesia/ Do que ficou para trás. (Artur Nery Marinho, *JORNAL AMAPÁ*, 13 de setembro de 1954).



Figura 4 - Antiga praça da Matriz e o Coreto em frente à Igreja de São José de Macapá

Fonte: Acervo Histórico do Amapá.

A visão desse espaço oscila entre o saudosismo memorialista, o resgate das tradições e a visão ufanista do autor, todos convergindo para a ênfase nos lugares de memória e nas personagens históricas. Segundo Nora (1993, p. 9), “a memória é a vida, sempre carregada por grupos vivos e, nesse sentido, ela está em permanente evolução, aberta à dialética da lembrança e do esquecimento.”

Essa praça representava o “coração”, a essência da cidade de Macapá e simbolizava, do ponto de vista coletivo, um bem indispensável para a comunidade. Observe-se que o ritmo narrativo do texto e a imagem da praça envolvem o leitor pelas lembranças do autor. Nessas lembranças descreve os cenários preservados pela memória, e por ela reedificados, ora apresentando a inexorável dinâmica do crescimento urbano de Macapá: “*Velha praça, velha praça,/ Tenho saudade de ti./ Não da bonita que está/ Mas da que eu conheci// [...]** /Parece que isto

foi ontem,/ Mas tanto tempo passou./ O que deixou de existir,/ Minha saudade gravou”; *ora ressaltando que esses espaços íntimos estão recobertos de importantes significações simbólicas, ou seja, fazem parte de um cenário que, suscitado metaforicamente, remete ao seu mundo interior habitado por reminiscências relacionadas à praça e à comunidade que, com o passar do tempo, vão se modificando:* “Velha praça, velha praça,/ Renovastes e linda estás./ Não tens, porém, a poesia/ Do que ficou para trás*”.

Desse modo, ao descrever e nomear cuidadosamente a primeira praça de Macapá, é como se o autor/personagem estivesse percorrendo-a e nela encontrando suas raízes, sua identidade, pelo recurso da memória, pois:

O relembrar é uma atividade mental que não exercitamos com frequência porque é desgastante ou embaraçosa. Mas é uma atividade salutar. Na rememoração reencontramos a nós mesmos e a nossa identidade, não obstante muitos anos transcorridos, os mil fatos vividos [...]. Se o futuro se abre para a imaginação, mas não nos pertence mais, o mundo passado é aquele no qual, recorreremos a nossas lembranças, podemos buscar refúgio dentro de nós mesmos, debruçar-nos sobre nós mesmos e nele reconstruir nossa identidade (BOBBIO, 1997, p. 30-31).

Essas lembranças sobre acontecimentos, lugares, pessoas, tudo isso integra a memória a partir do momento que são guardadas na mente do autor, formando uma espécie de arquivo: “Minha saudade gravou/ ... a minha saudade os vê”. Contudo se fossem simplesmente moldadas na mente em seu estado natural, ou seja, sem serem relacionadas e sistematizadas, sem a influência da peculiaridade de cada indivíduo, não teriam sentido, seriam apenas inúmeras imagens desvinculadas e sem relação para o que se denomina memória. Assim, conforme afirmação de Nora (1993, p. 13) “não há memória espontâ-

nea, é preciso criar arquivos”, pois os homens sentem a necessidade de alimentar a história com os vestígios do passado. Portanto, ao construir e manterem os lugares da memória, traduzem a busca do ser humano por uma eternidade temporal.

Assim, percebe-se que nas inúmeras publicações dos textos literários, no *Jornal Amapá*, muitos escritores trazem em suas memórias um reconhecimento do presente e a valorização do passado. Enxergam na cidade de Macapá dos “bons tempos” (o passado) especificidades que lhes são particulares, mas que se tornam coletivas, pela socialização de suas obras literárias e pelos sentimentos de identificação que têm com elas.

2.5 O Marabaixo: a presença negra no espaço de sagrado e profano

Compasso cantochão que se prolonga,
No misticismo roufenho de batuques;
Na dissonância de gritos e de vozes,
E em coros guturais que se repetem.
 (“Marabaixo”, Waldemiro Gomes –
JORNAL AMAPÁ, 09 de outubro de 1955)

O Marabaixo é considerado a maior manifestação cultural popular do Amapá, foi trazido pelos negros escravos que vieram para os trabalhos na lavoura e, principalmente, para a construção da Fortaleza de São José de Macapá. Tal manifestação pode rememorar a penosa travessia dos africanos: “Nasceu à cadência dos remos, no bôjo noturno das caravelas negreiras que conduziam, *mar-a-baixo*, os nossos irmãos africanos condenados ao trabalho servil nos termos ominosos da escravatura” (João Neves e Álvaro da Cunha, *JORNAL AMAPÁ*,

01 de novembro de 1952). Outra possibilidade dessa origem pode estar relacionada aos negros de influência mulçumana que vieram para Mazagão, servindo os brancos originários da África Ocidental:

O marabaixo é provavelmente oriundo dos primitivos escravos negros vindos de Mazagão d'África, em 1770, com as famílias marroquinas transmigradas por ordem de D. José I para as vilas de Mazagão Velho, Macapá e Madre de Deus, no rio Vila Nova. Em sua grande maioria, êsses escravos mazaganistas eram por sua vez procedentes das nações circunvizinhas de Mazagão (África) [...]. Essas premissas nos levam a conclusão de que o marabaixo, possivelmente, não é mais do que um resquício ou fragmento supérstite do ritual malê (yoruba, gêgê, haussá ou mina), do grande grupo étnico afro-sudanês, perdido no subconsciente folclorístico de um século em que o homem não mais admite outra seita ou religião, que a do culto do próprio corpo e suas paixões mais objetas (AURÉLIO BUARQUE, *JORNAL AMAPÁ*, 02 de setembro de 1956).

Assim, para além dos desdobramentos estabelecidos para a origem do Marabaixo, está o fato das tradições e marcas culturais de origem africana estarem presentes na resistência, na autoimagem e na autoestima das comunidades negras do Amapá, em torno da luta pela manutenção e preservação de suas manifestações culturais, mesmo que precisassem estabelecer vínculos com a religião católica dominante no Amapá, na época.

Nesse sentido, uma das principais características do Marabaixo está diretamente ligada ao aspecto religioso do catolicismo, ou seja, é uma relação híbrida entre o profano/religioso, como é o caso da referência feita ao Divino Espírito Santo e à Santíssima Trindade, durante as principais manifestações realizadas anualmente em Macapá, conhecida como o “Ciclo do Marabaixo”¹³.

13. Período festivo anual do Marabaixo em Macapá. Inicia-se no Domingo da Ressurreição (Páscoa) e vai até o Domingo do Senhor (nono domingo da Ressur-

Com a criação do território federal, a tradição do Marabaixo ganha mais espaço junto às comunidades negras amapaenses, principalmente pelo reconhecimento e apoio governamental, mesmo que esse apoio, na maioria das vezes, tivesse como objetivo principal, alcançar “dividendos” políticos.

Assim, para consolidar o Marabaixo como maior manifestação cultural popular do Amapá, busca-se uma divulgação também fora do espaço amapaense. Dentre os que participaram como colaboradores dessa divulgação, cabe um destaque para Luiz Gonzaga (na época já um nome consagrado na música popular brasileira) que, por diversas vezes, esteve no Amapá, presenciou a dança do Marabaixo e ajudou a divulgá-la nacionalmente:

Luiz Gonzaga lançou o Marabaixo na TV da Tupy

No programa de ontem à noite, de televisão da Tupy do Rio de Janeiro, foi lançado o Marabaixo, sob a orientação do consagrado ‘acordeon’, Luiz Gonzaga. O ‘rei do baião’ explicou a origem da música, declarando que foi busca-la em Macapá, capital do Território Federal do Amapá.

O popular artista do rádio brasileiro interpretou ‘AONDE TU VAIS RAPAZ’. Após prometeu lançar outras composições de Marabaixo e em outubro, depois de adquirir maiores ensinamentos sobre a dança ‘amapaense’, para o que visitará Macapá pessoalmente, fará o lançamento em todo Brasil do novo ritmo popular brasileiro (*JORNAL AMAPÁ*, 05 de julho de 1952).

Veja-se, a seguir, trechos da entrevista para o referido jornal: “Visitarei o bairro do Laguinho para assistir o ‘marabaixo’ e, depois, gravarei uma característica melodia a ser conhecida em todo o País. [...] Ainda este ano gravarei e lançarei o ‘marabaixo’, e os brasileiros irão apreciá-lo e dançá-lo” (*JORNAL AMAPÁ*, abril de 1952).

reição). Vale ressaltar que o Marabaixo também é festejado/dançado em outras localidades do Amapá como Mazagão, Curiaú, Igarapé do Lago dentre outras.



Figura 5: Luiz Gonzaga em entrevista ao *Jornal Amapá*

Fonte: *Jornal Amapá*, 19 de abril de 1952.

Uma das composições de Marabaixo gravada e divulgada por Luiz Gonzaga foi: “Aonde Tu Vais Rapaz”¹⁴:

Aonde tu vais rapaz? / Neste caminho sozinho / Eu vou fazer minha
morada / Lá nos campos do laguinho // As ruas do Macapá / Estão
ficando um primor / Tem hospitais, tem escolas / Pros fios do traba-
lhado / Mas as casas que são feitas / É só prá morar os doutô / [...].

14. A composição original é de Raimundo Ladislau e Julião Ramos, que foi modificada por Luiz Gonzaga. Tornou-se uma das composições mais cantadas por frequentadores e apreciadores do Marabaixo, pois ressalta a saída forçada dos negros da área onde moravam, na época centro da cidade, para o bairro do Laguinho, onde começaram a se reestruturar novamente e escrever novas páginas na sua história.

(Luiz Gonzaga, 1952)

Outra composição bastante divulgada nacionalmente por Luiz Gonzaga e que fazia referência a dança do Marabaixo foi a canção “Macapá”:

Macapá (Luiz Gonzaga e Humberto Teixeira – 1950)

[...] / Eita, seu mano, oi que bom, ôi que bom / Que bom, de dança / Eita seu mano, oi que bom, ôi que bom / Que é o Macapá! / (Refrão) // O Macapá, Macapá, Macapá / Esta dança tão gostosa que vei lá do Amapá! Dança in qui a gente logo qué se espaiá, / Cum a venta no cangote da morena que topá.../ Refrão// O Macapá se resume in se rodar / Em redor da gente mesma, sem sair do lugá / E ter sustança, prô caboco sustenta / A cadência sacudida do passim do Macapá. (Grifos nossos para destacar, pelo olhar do compositor Luiz Gonzaga, a descrição da coreografia do Marabaixo).

Sobre esta canção, Araújo (2004, p. 41) comenta que, em 1949, Luiz Gonzaga veio a Macapá para uma apresentação no Cine Teatro Territorial, espaço dos grandes eventos na época, ocasião em que interpretou seus grandes sucessos. Após o show, o artista foi levado à casa de Julião Ramos, figura expressiva do folclore amapaense, na oportunidade presenciou o pessoal dançando o Marabaixo – “Vivíamos à época, a quadra desta importante manifestação folclórica e a mulherada envolveu o visitante na dança, mostrando-lhe como era a coreografia e o canto”. Luiz Gonzaga, “impressionado com a originalidade do evento folclórico, compôs, em ritmo de baião, com a parceria do advogado Humberto Teixeira, a música ‘Macapá’”.

É importante destacar que embora tenha tomado ciência de que o nome da dança era Marabaixo, Luiz Gonzaga preferiu identificá-la com o nome da capital do Território Federal do Amapá. Araújo (2004, p. 43) afirma ainda que Luiz Gonzaga em suas apresentações no Rio de Janeiro, “cantava o baião Macapá, frisando que era música dos

negros do Amapá”. E para registrar tal fato, os sujeitos brincantes do Marabaixo construíram o seguinte ladrão¹⁵: “Marabaixo de Macapá / Já teve muito cartaz / Já foi cantado no Rio / Aonde tu vai rapaiz”.



Figura 6: Dança do Marabaixo por pioneiros (1952)

Fonte: *Jornal Amapá*, 02 de setembro de 1952.

Desse modo, é possível afirmar que a tradição cultural dos festejos do Marabaixo representa um símbolo de resistência das comunidades negras do Amapá, que sustentaram ações, aparentemente mais simples (a festa do Divino Espírito Santo, e da Santíssima Trindade), até as mais complexas (a luta pelo direito de preservar suas ancestralidades). Essas ações foram passando por diferentes gerações e permanecem, até hoje, com a participação efetiva nos eventos relacionados às suas marcas identitárias.

15. Composição de versos que são usados nas cantigas de Marabaixo.

2.6 A *Belle Époque*¹⁶ em Macapá

Este jornal, que faz parte integrante da vida da cidade, também a sente em todas as suas pulsações, acompanhando-lhe a vida moderna e o ritmo de progresso que a domina (*JORNAL AMAPÁ*, 13 de setembro de 1953).

Lançar o olhar sobre a *belle époque* em Macapá é retomar os percursos da memória histórica, da memória coletiva e do próprio discurso da história. Nessa direção, o *Jornal Amapá* é um importante instrumento para a memória desse período, principalmente pelos caminhos da crônica e dos registros que factualizavam a sociabilidade urbana. Nas páginas do referido jornal, já com grande circulação na capital no início dos anos 1950, é possível flagrar os discursos da “modernidade”, do desenvolvimento urbano que chegava ao Território Federal do Amapá, mais especificamente em Macapá, que nesse período vive um grande processo de urbanização proporcionado principalmente pelo crescimento dos setores públicos e privados.

Em 1953, o *Jornal Amapá* em seu editorial publicava uma crônica denominada “Macapá Moderna”, em que ressalta esse desenvolvimento urbanístico. Nela, há uma comparação entre a cidade de poucas décadas atrás, com a “nova” Macapá que então emergia: se a de ontem era “recatada”, muita pequena e atrasada, uma “cidadezinha qualquer”, a atual mais parecia, metaforicamente, uma “fênix” renascida, cheia de mocidade e encantos, pois agora exibia:

Uma cidade traçada geometricamente, com ruas e avenidas largas, mostrando fisionomia agradável e moderna. Possuindo rede de es-

16. A expressão “*Belle époque*” é aqui tomada metaforicamente, para relacionar, em um período posterior, algumas características das transformações sociais, culturais e urbanas ocorridas no Amapá a partir do final da primeira metade do séc. XX, quando ocorre seu desmembramento do estado do Pará.

gotos, água encanada, energia elétrica permanente, piscina, ótimo hotel, cinema, bares, cafés, frigorífico, lojas, farmácias, armazéns etc., proporciona aos visitantes e moradores conforto, prazer e tranquilidade. Nada menos que seis aviões semanais pousam em seu aeroporto, sempre lotados de passageiros e carga. Como sala de visita do Território, Macapá está sendo preparada sob a técnica e figurino modernos. [...]. Vivemos todos estreitamente vinculados à própria alegria que dá novo colorido a esta Macapá que, como mulheres bonitas, também mostra sua vaidade frente do toucador onde realça a sua fisionomia simpática e a sua mocidade atraente. (Crônica do editorial, *JORNAL AMAPÁ*, 13 de setembro de 1953, grifos nossos).

Assim deslumbrado com aquelas coisas novas que em tão pouco tempo modificavam o perfil da capital, o artigo do jornal concluía que, de fato, a “civilização”¹⁷ chegara a Macapá: ”Tudo aqui dentro empolga a alma do povo e surpreende o visitante [...], já aparecendo aos olhos da atualidade como uma cidade nortista onde se instalou a civilização. (*JORNAL AMAPÁ*, 13 de setembro de 1953).

A crônica, desta forma, resume parte do conjunto de novos costumes e equipamentos tecnológicos que formaram o processo de modificação sociourbana de Macapá, iniciado a partir de 1950, indo até o final dos anos de 1960. Esse processo significou a inserção da capital amapaense numa espécie de “belle époque” em um contexto histórico próprio e guardadas as devidas proporções.

A introdução de um grande número de automóveis em Macapá, a partir dos anos de 1950, imprimiu maior velocidade ao trânsito, provocando atropelamentos e colisões, sendo necessário a abertura de novas ruas e avenidas, maior extensão de calçamentos/calçadas, a criação da guarda de trânsito, colocação de semáforos e uma reorientação dos pedestres e principalmente dos ciclistas (em expressivo número

17. O termo “civilização”, nesse período, para esse novo território federal, era sinônimo de progresso, modernização.



Figura 7: Rua Cândido Mendes (centro comercial de Macapá) após receber a primeira camada asfáltica (1960)

Fonte: Acervo histórico do Amapá.

na época) no uso da rua.

O “boom” desse desenvolvimento também possibilitou que viessem a Macapá importantes companhias teatrais e musicais. O *Jornal Amapá* na época comentava o desempenho dos artistas, a presença de autoridades, intelectuais e, em menor proporção, a participação da comunidade em geral, que prestigiavam esses eventos. E para melhor fomentar essas atividades artísticas, é criada, em 1951, a Sociedade Artística de Macapá (SAM), que tinha como uma de suas principais finalidades a de “patrocinar a vinda a este recanto verde do Brasil, de todos os expoentes das artes, principalmente no que diz respeito à música e ao canto, as que são evidentemente mais sensíveis ao povo” (*JORNAL AMAPÁ*, 13 de setembro de 1951).

Preocupado com a paisagem urbana, o poder público procurou aumentar as áreas verdes no centro da cidade, construiu novas praças, reaparelhou e embelezou as antigas praças. Estas, além do lugar de lazer, eram o lugar onde as pessoas iam para serem vistas e com o ves-

tuário já era possível se identificar a que classe cada uma pertencia, à burguesia ou à gente do povo.



Figura 8: Cantora Ângela Maria em Macapá (1955)

Fonte: Jornal Amapá, 22 de setembro de 1955.

Contudo, para imprimir essa “modernidade”, o poder público implementou na cidade uma “disciplinarização” do espaço, regulando o cotidiano da cidade que se tornou atribulado em função da intensificação dos fluxos urbanos, desencadeado pelo crescimento popu-

lacional (no ano de 1960 o número de habitantes de Macapá atinge aproximadamente 30 mil)¹⁸, pelo aumento na frota de automóveis e estabelecimentos comerciais no perímetro central da cidade.

Em razão desse volume urbano crescente, os conflitos foram inevitáveis, principalmente porque o poder público começa a se manifestar num sutil combate aos grupos populares (especialmente negros) e de baixa renda do centro da cidade, forçando-os a procurar os subúrbios da capital, como aconteceu com os negros que residiam em áreas na frente da cidade e foram desapropriados de suas casas para os bairros do Laguinho e da Favela. Daí a composição de uma canção de Marabaixo composto por um desses moradores, Raimundo Ladislau, externando sua tristeza pela desapropriação, para a construção de modernas moradias para o alto escalão da administração territorial: “*Aonde tu vai rapais? / Por estes caminhos sozinho/ Vou fazer minha morada/ Lá nos campos do Laguinho*”. Ainda como forma de protesto outros versos foram acrescentados: “*A avenida Getúlio Vargas/ Tá ficando que é um primô/ Tem hospital, tem escola/ Pros filhos dos trabalhado/ Mas as casas foram feitas/ Pra só morar os doutô*”. Conforme Araújo (2004), a reclamação da comunidade era geral, e não podia ser diferente pois, “aqueles modestos trabalhadores macapaenses, que viviam tranquilos nas terras conquistadas por seus pais, ficaram desfalcados de laranjeiras, coqueiros, bananeiras, cuieiras, abacateiros, limoeiros, etc.” (ARAÚJO, 2004, p. 33).

O centro da cidade de Macapá, portanto, já não era mais o mesmo, a tranquilidade, a ambiência de jogar o tempo fora, a vivência sem pressa, que contagiava as pessoas cedeu lugar às inexoráveis mudanças inerentes à modernidade do cenário urbano. Assim, o Amapá co-

18. Dados do VII Censo Nacional no ano de 1960, publicado no *Jornal Amapá*, em 9 de outubro de 1960.

nhecia a sua “bela época”.

3 Considerações finais

Como se vê, o *Jornal Amapá* é uma fonte capaz de reconstrução cotidiana do passado amapaense, um ponto de partida para buscar entender o presente a partir dos acontecimentos idos, pois como afirma Halbwachs (2009, p. 133) “é necessário procurar ajuda de testemunhos antigos, cujos vestígios subsistem em textos oficiais, jornais da época, memórias escritas por contemporâneos”. Na mesma direção, Hall (2003, p. 225) afirma que “as identidades são os nomes que damos às diferentes maneiras como estamos situados pelas narrativas do passado e como nós mesmos nos situamos dentro delas”.

Desse modo, é possível perceber que o referido jornal contribuiu de forma significativa para contar as histórias do povo amapaense, principalmente no período que iniciava sua “autonomia” administrativa e política, com a criação do território federal.

Assim, observou-se que as identidades amapaenses se apresentavam como novas no contexto de emancipação do Amapá, estas precisavam ser construídas e legitimadas, através de uma série de referências, que estabeleciam suas características e especificidades. E o *Jornal Amapá* atuou, também, na instalação dessas referências.

De fato, o *Jornal Amapá* testemunhou, acompanhou e registrou a memória e a história de Macapá e da sua população. Ao narrar e vivenciar essas histórias, ao reconstituir a paisagem da cidade, mediante fragmentos da memória de seu cotidiano, tornou-se uma testemunha da construção das identidades dos amapaenses, pois, conforme Delgado (2010, p. 09), “a construção de identidades tem na memória um de seus pilares fundamentais”. Enfim, esses diversos relatos regis-

trados pelo *Jornal Amapá* traduzem o que os amapaenses são, seus modos, suas histórias.

Referências

ARAÚJO, Nilson Montoril de. *Mar a Cima, Mar a baixo: de ladrão em ladrão, a saga de uma nação*. Macapá: Edições Macapaenses – Confraria Tucuju, 2004.

BAKHTIN, Mikhail. *A cultura popular na Idade Média e no Renascimento: o contexto de François Rabelais*. São Paulo: Hucitec; Brasília: Editora Universidade de Brasília, 1993.

BERNARDO, Teresinha. *Memória em Branco e Negro: olhares sobre São Paulo*. São Paulo: UNESP, 1998.

BOBBIO, Norberto. *O tempo da memória*. Rio de Janeiro: Campus, 1997.

CAPELATO, Maria Helena. *Imprensa e história do Brasil*. São Paulo: Contexto/EDUSP, 1988.

CASTELLS, Manuel. *O Poder da identidade*. São Paulo: Paz e Terra, 2006.

DA MATTA, Roberto. *Carnavais, malandros e heróis: para uma sociologia do dilema brasileiro*. Rio de Janeiro: Rocco, 1997.

_____. *Antropologia da saudade*. São Paulo: Acervo Folha de São Paulo – Caderno Mais (28/06), 1992.

DELGADO, Lucilia de A. Neves. *História oral: memória, tempo, identidades*. Belo Horizonte: Autêntica, 2010.

DURKHEIM, Émile. *As formas elementares de vida religiosa*. São Paulo, Edições Paulinas, 1989.

GIDDENS, Anthony. *As consequências da modernidade*. São Paulo: Editora UNESP, 1991.

HALL, Stuart. *Da diáspora: Identidades e mediações culturais*. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2003.

HALBWACHS, Maurice. *Memória coletiva*. São Paulo: Centauro, 2009.

NORA, Pierre. *Entre memória e história: a problemática dos lugares*. São

Paulo: Projeto História, 1993.

Fonte consultada:

“*Jornal Amapá*” (1945-1968).

Resumo:

Este artigo objetiva mostrar a construção das identidades amapaenses a partir de olhares sobre suas representações veiculadas no *Jornal Amapá*, entre os anos de 1945 a 1968, período que marca um acelerado desenvolvimento do recém-criado Território Federal do Amapá. A primeira parte do texto descreve a trajetória inicial do referido jornal considerando a sua importância como uma testemunha da história e um agente participativo na configuração identitária amapaense. A segunda parte discorre sobre alguns temas apresentados no *Jornal Amapá* para demonstrar, através das memórias, o entrelaçamento entre as histórias vividas e narradas sobre os acontecimentos da vida da comunidade amapaense, as quais, de algum modo, trazem marcas significativas de sua base identitária.

Palavras-chave: memória; identidade; Jornal Amapá.

Abstract:

This article aims to show the construction of the Amapaense people identities, from the perspective of their representations as shown in the newspaper *Jornal Amapá* between the years of 1945 and 1968, which is a period that marks an accelerated development of the newly created Federal Territory of Amapá. The first part of the text describes the initial trajectory of this newspaper considering its importance as a witness of history and a participatory agent in the identity configuration of that local people. The second part discusses some of the themes presented in the *Jornal Amapá* to demonstrate, through the memories, the intertwining between the lived and narrated histories about the events of the life of the Amapaense community, which in some way bring significant marks of their identity base.

Keywords: memory; identity; Jornal Amapá.

Recebido para publicação em 04/12/2018.

Aceito em 19/02/2019.